



Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal

"Os israelitas não sabiam o que era e, ao verem aquilo, perguntavam uns aos outros:

«Que é isto?»" Êx 16,15

Celebrar a Reforma Protestante 2021

Em Portugal, a Reforma Protestante é uma data que passa despercebida no meio dos fins de semana alargados e do feriado dos finados. Entre miniférias, idas ao cemitério ou as grandes superfícies já enfeitadas para o Natal... A Reforma surge e timidamente mas cabe-nos a nós, Igreja Reformada, erguer a voz e recordar a data marco da nossa fé: O dia 31 de outubro, o dia em que a manifestação pública da livre consciência dum cristão, iniciou uma nova época na humanidade e mudou a história coletiva da Europa e do mundo.

É neste ato, nesta coragem, nesta consciência que desafia tudo e todos, que temos de recriar uma Igreja Reformada sempre em Reforma. A Reforma Protestante é raiz e semente da nossa fé enquanto Igreja.

A nossa fé é uma fé de memória, temos uma história cheia de exemplos de fé, dos quais nós somos filhos e herdeiros. A nossa fé é uma fé de desafio: Perante uma sociedade instalada, somos chamados a imaginar um futuro diferente de dignidade, de misericórdia, de paz. A nossa fé é uma fé de coragem, de gente que se levanta, clama por justiça, põe os pés a caminho e suja as mãos na construção do Reino de Deus.

Assim se levantou Moisés, assim se levantaram Débora, Isaías, Ulda, Jeremias. Assim se levantou Lutero, assim temos que nos levantar todos nós!

Muitos irão perguntar: "O que é isto?" "quem são estes?" O nosso propósito enquanto Igreja é que quem vive ao nosso lado possa dizer: «Isto é o pão que o SENHOR vos dá para comerem.» Êx. 16,15

Somos igreja de ação, de mudança, de intervenção. De coragem e fé. Somos gente de história, memória, tenacidade e liberdade. E é nessa liberdade e despojamento que todos nós podemos cantar as palavras escritas por um monge atormentado, que encontrou paz quando ao ler as escrituras e percebeu que através da graça de Deus, o justo viverá pela fé, que só o poder de Deus é suficiente para libertar-nos do mal, que Cristo é o centro:

Sim que a palavra ficará

Sabemos com certeza

E nada nos assustará

Com Cristo por defesa

Se temos de perder

Família, bens, prazer

Se tudo se acabar

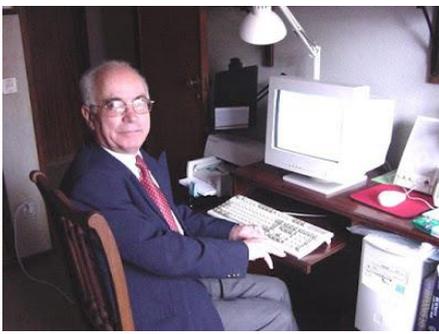
E a morte nos tocar

Com Ele reinaremos!

Sandra Reis

A presidente da IEPP

Elos que nos ligam: Mulheres e homens que se entregaram ao serviço de Deus



MANUEL PEDRO CARDOSO
(18/10/1937 – 19/12/ 2017)

UM CRISTÃO INCONFORMISTA
“Ora vem senhor Jesus”
Apocalipse 22,20

Manuel Pedro da Silva Cardoso, foi um dos primeiros historiadores do protestantismo português.

Nasceu em Lisboa em 1937. Trabalhou desde os 12 anos, mas isso não o impediu de continuar a estudar mesmo de noite. Durante o ano lectivo de 54 / 55 ouve uma lição sobre a Reforma Protestante do século XVI e toma a decisão de se proclamar cristão protestante, sem saber se havia protestantismo em Portugal. Tornou-se, um leitor assíduo da Bíblia e entra na congregação Presbiteriana dos capuchos em 1961. Em 1962 passa a cultivar na congregação Presbiteriana da Ajuda onde conhece Zulmira Rito. Os dois começam a namorar, juntos fazem a profissão de fé e casam em 1964. Nesse mesmo ano começa o seu curso de teologia.

Nos anos seguintes nascem as suas 2 filhas Isabel Rute e Ana Maria, interrompe os estudos para poder substituir alguns pastores e volta ao Seminário. Em 1970, é ordenado pastor e parte para Lausanne, Suíça para continuar os seus estudos durante 1 ano. Nos anos seguintes é colocado nas igrejas da Figueira da Foz e depois na Tomás da Anunciação. É professor de teologia no Seminário e secretário-geral da IEPP. Por breves períodos é pastor nas Igrejas da Madeira e na Igreja Metodista de Valdosende. Em 1979, toda a família faz nova mudança, desta vez para a Figueira

da Foz. Para além de ser pastor das Igrejas da Figueira da Foz, Granja do Ulmeiro e Buarcos, continua como professor do Seminário em Carcavelos, onde se desloca 2 vezes por semana. Será na Figueira da Foz que vai estabelecer a sua morada de família e onde vai criar raízes.

Em 1984, é eleito secretário-geral do Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC), função que mantém durante 12 anos consecutivos e que voltará a desempenhar anos mais tarde. Nesta época é frequente viajar ao serviço da IEPP e do COPIC, tendo podido acompanhar várias mudanças na vida de muitos países da Europa. Organiza o 1º Encontro Nacional da IEPP e foi pioneiro do movimento ecuménico em Portugal. Também pastoreou a Igreja do Bebedouro e suas missões.

Trabalhador incansável, de uma inteligência arguta. Homem de causas, servo fiel do seu Senhor. Era um lutador de alma sensível. Manuel Pedro Cardoso era um homem de emoções e razão. Destacou-se entre os da sua geração pela atenção que dedicou à investigação histórica. Publicou: *Por Vilas e Cidades: Notas para a história do Protestantismo em Portuga*; “*Cem anos de vida*”, Igreja Presbiteriana de Lisboa (Tomás da Anunciação); *Um século na Figueira da Foz*, Igreja Figueirense e, *O Protestantismo no mundo rural* (Igreja do Bebedouro, missões de Portomar, Ermida, Tocha).

Publica o livro *Cristãos Inconformistas* e escreve diversos livros de carácter devocional e pastoral, de onde se destacam: *Conselho Pastoral, A morte é o fim?* (Que será traduzido nos Estados Unidos) e, *Por um cristianismo transformador e feliz*. Deixou a sua marca em dezenas de artigos publicados de cariz teológico e não só, como por exemplo um *Ensaio sobre a Obra*

de Alberto Caeiro e na vida académica de muitos estudantes de teologia do Seminário Evangélico de Teologia onde foi Reitor durante muitos anos e onde deu início aos cursos por extensão respondendo às mudanças de época e de contexto do estudo de teologia.

Manuel Pedro Cardoso faleceu no dia 19 de Dezembro de 2017, mas deixou-nos uma herança de fé. Ao reler páginas que deixou escritas, salta à vista 1 versículo que o acompanhou nos momentos de luto, tristeza e esperança: “*Cristo ressuscitou da morte e foi feito as primícias aos que dormem.*” 1 Coríntios 15,20. Este é também a nossa fé e esperança da Igreja que ele serviu todos os dias da sua vida.



AUGUSTO ALMEIDA ESPERANÇA
(08/02/1928 — 05/08/2018)

**UM PRÍNCIPE
DOS PÚLPITOS EM PORTUGAL**

Como é belo ver chegar os que anunciam a Boa Nova. Rom.10:15

Natural da pequena vila de Pias, no concelho de Serpa, cedo foi viver para o Carrascal, Sintra, onde abraçou a fé protestante, através do testemunho que lhe chegou pelos crentes da «assembleia dos irmãos» nessa localidade.

Augusto Esperança foi uma figura incontornável do protestantismo em Portugal na 2ª metade do século XX. Após o liceu, iniciou a sua formação no Seminário Evangélico de Teologia, em Carcavelos que terminou com a licenciatura na Faculdade de Teologia de Estrasburgo, França, (1952 e 1953),

e uma pós-graduação na mesma área acadêmica com especialização na área de comunicações, em Boston, EUA, (1965-1966). Esperança viria a ser um dos dois pastores ordenados no sínodo inaugural da IEPP em outubro de 1952.

Porém, mesmo antes de completar os seus estudos teológicos em Carcavelos, Augusto Esperança, em espírito de fraternidade evangélica, tinha servido a Igreja Metodista, na congregação do Mirante, Porto,(1950/1951).

Esperança era um homem conhecedor das realidades eclesiais de Portugal, pois percorreu o país pregando e servindo em várias comunidades e denominações. Ele serviu: a Igreja Evangélica Figueirense, (abril a outubro de 1951), a Igreja Presbiteriana no Montijo, de outubro de 1951 a setembro de 1952. Ajuda (agosto e outubro de 1953), Açores (outubro de 1953 e julho de 1956), Figueira da Foz, (setembro de 1956/60), Igreja Evangélica Presbiteriana de Lisboa, em Campo de Ourique,(1960/68), onde centenas de pessoas se congregavam ao domingo de manhã.

Esperança é eleito, em 1959, moderador do Sínodo da IEPP, cargo de âmbito nacional, que lhe conferiu maior visibilidade, designadamente perante as outras denominações evangélicas. Durante toda a década de 60 do século passado, Esperança veio a desenvolver intensa atividade a partir de Lisboa, com abrangência nacional e internacional, nas áreas das comunicações, ação social, gestão de instituições cristãs, etc.

Quando após mais de uma década na presidência da Aliança Evangélica Portuguesa (AEP), Guido Waldemar Oliveira falece subitamente, a assembleia geral desta instituição, em outubro de 1967, não teve grandes hesitações em escolher Augusto Esperança para seu novo presidente. Não

tendo sido um mandato muito longo, foi durante esses quatro anos que se escreveram algumas das mais expressivas páginas do movimento evangélico unido, como não se via desde o I Congresso Protestante Português de 1909. A numerosa assistência dessa ocasião, na «Sala Portugal» da Sociedade de Geografia de Lisboa, era agora, no final dos anos 1960, ultrapassada em milhares de pessoas pelos vários acontecimentos emblemáticos realizados pela AEP no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, antes mesmo de esta se ter tonado arena privilegiada para outro tipo de intervenções. O caráter aglutinador do jovem pastor presbiteriano não só contribuiu para adiar o – talvez inevitável – corte do movimento evangélico, concretizado com a formação em 1971 do Conselho Português de Igrejas Cristãs, após o término do seu mandato, como permitiu a integração plena de outras expressões evangélicas no seio da AEP.

Durante quase três décadas foi também representante do trabalho de diaconia que a *Entraide Protestante de l'Église Réformé Suisse* manteve em Portugal através da IEPP, e que beneficiou milhares de crianças, chegando a haver cerca de 700 inscritas por ano. Dirigiu igualmente o trabalho de assistência na área da saúde desenvolvida pela Clínica de S. Lucas, em Lisboa, apoiada pela IEPP.

Sem nunca ter perdido a sua forte identidade doutrinária, a abertura ao diálogo interconfessional, passando pela participação de católicos romanos em algumas iniciativas, que marcou de forma notória a sua ação na Sociedade Bíblica (SB) a partir de janeiro de 1969, foi entendida por Augusto Esperança como uma extensão natural do movimento congregador que antes tinha protagonizado no contexto da sua própria igreja e da AEP.

Na SB voltou a ser inovador, sendo tarefa ingrata resumir quase trinta anos de atividade nesta instituição duplamente centenária: durante a sua liderança, a SB finalmente autonomizou-se da entidade-mãe, a Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira que atuava em Portugal desde 1809, transformando-se numa associação nacional com órgãos de governo próprios, em 1989; pela primeira vez, a SB adquiriu em Lisboa, em 1987, uma sede adequada para os seus serviços administrativos e para o funcionamento da sua livraria, aberta ao público desde 1864; em 1972, a SB formou uma comissão de tradutores, composta por biblistas católicos e protestantes, que preparou ao longo de 20 anos uma nova versão da Bíblia em português, a primeira tradução dinâmica em linguagem corrente e uma das primeiras traduções interconfessionais em todo o mundo e, até hoje, a única em língua portuguesa.

Já depois da sua aposentação da SB, em setembro de 1997, voltou a servir a IEPP como vice-presidente da comissão executiva nacional, até 2002.

Viria a falecer em Lisboa, com o peso dos 90 anos. Foi casado com Felícia Fiandor Santos, neta do primeiro bispo sagrado da Igreja Lusitana, ainda viva. Com ela, tiveram dois filhos: Jorge, que faleceu bastante novo, e Paulo, com descendência.

A vida de missão testemunha que, em tudo o que realizou, Augusto Esperança tinha como fim último o anúncio do Evangelho. «A Evangelização da nossa querida Pátria não é tarefa de uma só Igreja», afirmara em 1965. O desvelo com que subia ao púlpito e o enlevo que causava nos seus inúmeros e diversificados auditórios não levantam qualquer dúvida de que tivera Eduardo Moreira expandido o âmbito

cronológico da sua obra e Augusto Almeida Esperança teria sido, também ele, um «Crisóstomo português», certamente o mais brilhante da sua geração.

Timóteo Cavaco (dados biográficos coligidos por David Valente)



PAULO SANTOS MENDES
(07/10/1930 – 08/09/2019)

A ALEGRIA DA RESSURREIÇÃO

Eis que faço novas todas as coisas. Ap 21,5

Teólogo, ordenado aos 22 anos, pelo Sínodo da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal a 31 de Outubro de 1952, iniciou o seu ministério em Lisboa, antes de terminar os estudos teológicos na Faculdade Protestante de Montpellier (no sul da França). Em seguida, após fazer um breve desvio pela Suíça, juntou-se às comunidades protestantes de Borinage, na Bélgica (antiga região mineira e socialmente desfavorecida), onde, a partir de 1955, exerceu o seu ministério.

Embora vivesse quase toda a sua vida adulta na Bélgica, o pastor Paulo Mendes, fez questão de conservar a sua nacionalidade portuguesa e, foi considerado pelos que o conheciam como um pastor de «forte personalidade» inteiramente dedicado aos seus paroquianos, aos seus alunos, aos jovens e à evangelização da palavra de Cristo.

Durante o seu pastorado que durou 59 anos, ele pastoreou comunidades em Dour, Mons e Ghlin e a partir dos anos 60 abraçou também a

carreira de professor, dando aulas do curso de religião protestante nos liceus da região de Mons e mais tarde também na região da Valónia. A sua vida foi dividida entre o pastorado, o ensino e a dedicação às actividades com jovens.

Foi o pastor mais jovem do Templo de Dour de 1963 a 1969 e professor de religião protestante no Athénée (Liceu) Royal de Dour até junho de 1973. Em seguida, continuou o seu ministério, principalmente dando aulas de religião protestante nos liceus e ateneus da região de Mons até à sua reforma em 1992.

Em 1963, fundou um clube de adolescentes «Os cadetes da floresta» sob a responsabilidade de Karine Minet, criou «Círculo das Gueux* (clube de jovens adultos dos 18 aos 30 anos) e, nos anos 60, organiza intercâmbios de jovens na Bretanha, Alemanha e Luxemburgo.

Sempre muito envolvido na vida dos seus paroquianos, também desenvolveu um ministério na escrita e áudio visuais: escrevia na revista «os cadernos calvinistas» desde 1961, participou em várias publicações europeias e trabalhava em parceria com o jornalista da Radio Televisão da Bélgica Francófona (RTBF), Paul Danblon. Dedicou-se a muitas causas e desafios como por exemplo: Foi responsável pela capela protestante da Expo Universal 1958 de Bruxelas, pertencia à federação europeia das vítimas dos acidentes rodoviários, à sociedade calvinista da Bélgica, entre outras.

Muito atento às mudanças dos paradigmas sociais e teológicos, organizou e participou em inúmeras conferências teológicas, sendo a última da qual partilhámos uma foto, a conferência co-redigiu e copatrocinou sobre o reformador da cidade de Mons, Guy De Brès, com o atual pastor de Mons, Jean-Claude Diez, no seminário ecumênico de Attre (Bélgica), organizado pela diocese de Tournai

sobre a realidade multi-religiosa do nosso mundo em 14 e 15 de abril de 2015.

Casou-se com Lucie Régibeau (Colega professora no Atheneu Royal de Dour) em 14 de fevereiro de 1971. Deste casamento nasceram 2 filhas: Inês nascida em 25.12.1973 e Eunice nascida em 19.01.1977.

Sempre que podia, ele e a sua família vinham a Portugal, sendo acolhidos com grande alegria pela Igreja Figueirense, onde revia os seus amigos e em especial a família da irmã Noémia Rocha, que sempre os acolhia em sua casa.

O pastor Paulo Mendes viveu uma vida inteira dedicada a compartilhar a alegria da ressurreição que Cristo, alegria que sempre anunciou mesmo no lar onde viria a falecer, 3 meses após a morte de sua esposa. Lar onde ele próprio foi capelão: o lar protestante de Dour.

Inês Mendes



SUSANA BARBOSA
(21/02/1931 – 09/02/2020)

POR BEM

“amem-se uns aos outros.”

João 15:17

Chegou à ilha da Madeira em 1961 a acompanhar o seu marido, pastor Pedro Barbosa, levando já 2 filhos pequenos. Depois teria mais 2, que,

apesar de gerados na Madeira, quis sempre que nascessem onde tinham nascido os outros 2 – na Clínica de São Lucas, em Lisboa, clínica que à data pertencia à Igreja Presbiteriana.

Foi sempre a “mulher de pastor”, tendo tido uma exemplar dedicação a múltiplas tarefas na Igreja, nomeadamente no trabalho com as crianças, com os jovens, e com as senhoras.

Nem mesmo os problemas familiares que teve que enfrentar numa dada altura da sua vida a desmotivaram no empenho e dedicação aos outros.

Pelo contrário, “inventou” sempre outras atividades que a levassem a servir o próximo, a fazer o bem, e a encontrar soluções para os dramas e problemas de cada um.

Sempre disponível para ouvir e ajudar, indiscriminadamente, viveu uma vida de e pelo bem.

Dentro e fora da Igreja.

Com o alicerce da sua Igreja, colaborou, geriu e fundou vários formatos de apoio social e religioso, tanto para os crentes como para todos os que dela precisaram, mobilizando sempre os que a rodeavam e contagiando -os para este propósito, o qual norteou sempre toda a sua vida. Como contagiava também todos os que a rodeavam com a sua alegria transbordante e o seu humor delicado.

Adorava o convívio social e, enquanto esteve autónoma, não deixou de participar nos acampamentos no Centro Ecuménico da Figueira da Foz, de onde vinha rejuvenescida pelo contacto com a(o)s “jovens” da sua geração.

Fora da Igreja, trabalhou como voluntária na Cruz Vermelha e na Liga Portuguesa contra o Cancro. Depois de ter ficado a saber que ela própria tinha tido tumor maligno num rim, já com metástases no pulmão, depois de ter superado essa enfermidade, dizia: "Se Deus não

me levou depois desta doença, é porque ainda tenho algo mais a fazer cá na Terra"!

Quando se inteirou de que o que mais falta fazia aos sem-abrigo do Funchal, era a inexistência da distribuição de alimentos ao fim de semana, com autorização do pastor da sua Igreja e com a participação da Sociedade de Senhoras, escreveu cartas a crentes e amigos de todo o País, a solicitar ajuda financeira, tendo conseguido também, de uma cadeia de supermercados, a doação de pão, fruta e iogurtes. A confeção era feita na Igreja, e a distribuição feita numa praça pública, estivesse sol ou chuva - o que não era sempre muito agradável. A Igreja solicitou então à Câmara Municipal do Funchal um local abrigado, e foi cedido então um espaço no Mercado do Funchal, tendo conseguido equipá-lo com mesas e cadeiras. Ao longo do tempo esse acto passou a ser conhecido como "A sopa da Avó"!

No dia em que deixou de poder ajudar e passou a precisar de ajuda, deu a sua missão como cumprida e viveu os seus últimos anos numa paz extrema e sempre como o elo mais forte no seio familiar, manteve a família unida, e conseguiu convencer a todos que queria e devia partir para Deus.

Serva de Deus, mas, acima de tudo, serve da Humanidade, a sua vida foi (e sempre será) uma espécie de ilustração viva dos conceitos de solidariedade - de alguém que não consegue estar bem se souber que alguém à sua volta enfrenta dificuldades - e de empreendedorismo - de alguém que jamais baixa os braços enquanto não conseguir reunir meios e condições que possam melhorar a vida dos outros, fossem eles seus amigos ou conhecidos de longa data, ou alguém que acabara de conhecer.

Cristina, Paulo, Pedro e Marcos Barbosa.



AURÉLIA VALLE RODRIGUES
(1933 – 09/12/2020)

O ENGENHO E A ARTE.

“(mulher virtuosa) reveste-se de força e dignidade.” Prov.31

Aurélia Valle Rodrigues, nasceu no Montijo em 1933. Em 1976 matriculou-se na Faculdade de Letras de Lisboa, tendo-se licenciado em Românicas em 1981. Foi professora na Escola Industrial de Abrantes, durante 31 anos. Reformou-se em 2000.

Aurélia Rodrigues foi uma pioneira do trabalho de mulheres e das Escolas Dominicais da IEPP. Para além de partilhar com o seu marido, pastor Rui Rodrigues, com quem casou na Igreja de Febo Moniz em julho de 1960, a missão de servir várias igrejas presbiterianas, nomeadamente nos Açores e Abrantes, ela criou um ministério próprio.

É imensa a gratidão da IEPP a esta mulher que foi a fundadora da Federação das Senhoras e, mais tarde, uma das criadoras do Departamento de Mulheres, da qual foi presidente. No âmbito da Federação de Senhoras/ Departamento de Mulheres, entre outras iniciativas, deu início às Escolas Bíblicas de Férias e mais tarde aos Campos Bíblicos de Férias, foi a presidente e palestrante dos Encontros Ibéricos, foi formadora dos professores de Escola Dominical das comunidades de província, e para o fazer ela deslocava-se às comunidade e

ficava lá durante 1 semana ou 15 dias, dormindo nas casas dos crentes que muitas vezes não tinham eletricidade, água canalizada ou casas de banho, e à luz de candeeiros de petróleo formou os professores de escola dominical responsáveis pelo ensino bíblico de gerações. Foi também vice-presidente da Comissão Executiva da IEPP.

Para além do seu ministério na IEPP, Aurélia Valle Rodrigues descobriu a pintura já tarde na sua vida. Multifacetada, abraçou este novo desafio e, a partir de 1999, frequentou aulas de pintura na escola “Il Pittore Italiano”, com Massimo Esposito, mais tarde o “Projeto em Arte”, com o pintor Luís Gonçalves e já nos seus últimos anos frequentou o atelier da Pintora Conceição Guerreiro. Tendo participado em várias exposições plástica na área de Abrantes e também em Lisboa; ao site da Câmara Municipal do Montijo que organizou uma exposição da sua obra em 2015, Aurélia Valle Rodrigues disse: *“só quando me reformei descobri que era capaz de pintar. A minha pintura transmite o que sinto, o que me vai na alma, as minhas memórias e minha noção de beleza”*.

Faleceu a 3 de Dezembro de 2020, depois de doença prolongada, deixando-nos um exemplo de intrepidez, força e fé.



ANTÓNIO DIMAS DE ALMEIDA
(28/08/ 1937 - 11/08/2021)

“...examinando dia após dia as Escrituras.” Atos 17:11

PROTESTANTE LIVRE, APAIXONADO PELA BÍBLIA E “CATÓLICO.”
(António Marujo)

Nasceu no Montijo e ligou-se à comunidade presbiteriana dessa cidade, cedo percebeu que queria estudar teologia e entrou para o Seminário Presbiteriano de Teologia em Carcavelos. Antes mesmo de terminar os seus estudos serve várias igrejas presbiterianas em Moura, Pias, Aldeia Nova. É no Alentejo que conhece Suzete Simão Arrais (Dimas Almeida) com quem casa em setembro de 1960. Terão 2 filhos: Célia e Paulo. Volta a Lisboa para terminar o Seminário e é colocado na Igreja Lisbonense. Termina os seus estudos em 1965 e faz uma pós-graduação na Universidade de Montpellier na área do Novo Testamento. É ordenado pastor e colocado na Igreja da Tomás da Anunciação.

Em 1965 cria juntamente com uma leiga Teresa Carvalho, o bispo da Igreja Lusitana, Luís Pereira e com o padre católico Gregório Neves, professor no Seminário dos Olivais, a primeira comissão para o diálogo Ecuménico em Portugal. Quando é colocado nos Açores continua o seu percurso ecuménico e desenvolve uma intervenção social através da escrita. Volta a Lisboa em 1969 continuando a viver o ecumenismo de forma radical toda a sua vida tendo criado um espaço de estudo, partilha de palavras e pensamento: O Grupo Ecuménico de Carcavelos.

Visitado pela PIDE que lhe revista a casa e leva alguns livros, ele refere que disse em tom irónico: *“Não levam o livro mais revolucionário e perigoso de todos: A Bíblia”*.

É professor do Seminário Evangélico de Teologia, instituição que mais tarde chega a dirigir e onde se dedica à sua paixão o texto grego do Novo Testamento. Em 1973 pastoreia a igreja de Algés e mais tarde a da Ajuda, mas dedica-se cada vez mais à sua paixão: o ensino do texto bíblico. Mais tarde virá a criar (1998) e a lecionar na Universidade Lusófona o curso em Ciência das Religiões.

Representa o COPIC na (CEPPLE) Conferência das Igrejas Protestantes dos Países Latinos da Europa 1975 a 1990. Entre 1976 e 1986, integrou como teólogo, o Departamento de Teologia da Conferência Cristã pela Paz, com sede em Praga.

Escreveu e traduziu diversas obras, e muitos textos bíblicos, com rigor, perfeccionismo, exigência e rigor. Cada vírgula, cada pontuação eram pensados e repensados à exaustão.

Aquando do seu falecimento escreveu o pastor Paulo Silva: *“O pastor Dimas Almeida viveu intrínseca e intensamente o ecumenismo demonstrando uma visão marcadamente transbordante face a qualquer circunscrição denominacional. Pela vida e obra que nos legou, tornou-se uma personalidade de referência, inspiradora e respeitada pelos que o conheceram no contexto das mais diversas sensibilidades cristãs religiosas em Portugal. Acima de tudo compreendeu a vastidão dos espaços onde indeclinavelmente todos nos encontramos e procurou nas palavras e nos silêncios, numa busca incessante, perscrutar o mais profundo do Ser.”*

Dimas de Almeida foi um estudioso, um professor, um homem que vivia a liberdade que lhe vinha do texto bíblico, e defendia: *“no princípio, era a heterodoxia: “Jesus foi um mestre tão surpreendentemente livre que suscitou entre os seus discípulos uma pluralidade diversa de testemunhos”*. E, foi essa liberdade e heterodoxia que ele transmitiu a milhares de alunos e a todos com quem partilhava a sua paixão pelo cristianismo primitivo, tema central das suas pesquisas:

“Os quatro evangelhos são o resultado da aventura de homens e mulheres apaixonados por Jesus, e são narrativas com uma profunda intenção teológica: os herdeiros reclamam também a sua herança de Jesus que é, desde o início, plural.”